

1-2013

Pobre com os Pobres

Agostinho Tavares

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Tavares, A. (2013). Pobre com os Pobres. *Missão Espiritana*, 21-22 (21-22). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol21/iss21/12>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

9 - Pobre com os Pobres

«Tende entre vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus: Ele que era de condição divina não reivindicou o direito de ser equiparado a Deus; mas despojou-se a si mesmo tomando a condição de servo, tornando-se semelhante aos homens. Tido pelo aspecto como homem, humilhou-se a si mesmo, feito obediente até à morte e morte de cruz» (Fl 2,5-8).

O amor levou Jesus Cristo a fazer-se totalmente solidário do género humano. De facto, no seu incompreensível amor, foi até ao extremo de se despojar da sua condição divina e de assumir a vulnerabilidade da nossa condição humana, fazendo-se em tudo igual a nós, excepto no pecado. Mais ainda. Deu a vida por nós, na cruz (cf. Hb 2,9.4,15).

Cativado pelo amor do Senhor e no seu seguimento, Cláudio Francisco, que era filho de família rica e aristocrata, faz um caminho de despojamento que paulatinamente o leva a viver pobre com os pobres, a fim de evangelizar os pobres, levando-lhes a Boa Nova do amor salvífico de Deus.

Tendo decidido ser sacerdote, mas sacerdote pobre, Cláudio Francisco entra, em Outubro de 1701, no colégio jesuíta Luís-o-Grande, em Paris, a fim iniciar os estudos teológicos. Inicia assim uma grande reviravolta na sua vida, que o levará não só a servir os pobres mas a fazer-se pobre com os pobres.

Ao matricular-se no colégio jesuíta, Poullart des Places dá um rude golpe na sua paixão dominante, a ambição; e, ao mesmo tempo, numa altura em que a Sorbonne era influenciada pelo jansenismo e pelo galicanismo, mantém a fidelidade doutrinal à Igreja, guardada pelo colégio Luís-o-Grande.

Em todo o caso, o jovem Cláudio Francisco, a quem o pai garante uma pensão mensal condigna, continua a viver apegado ao seu estilo de vida e modos aristocráticos.

Vários factos, porém, sobretudo a sua participação num grupo mariano de vida espiritual, denominado Assembleia dos Amigos (Aa), que os jesuítas implementavam nos seus colégios, despertam nele uma particular sensibilidade pelos pobres. Efectivamente, em Dezembro de 1701, o jovem Fundador, entra para a Assembleia dos Amigos, grupo secreto de piedade, que visa levar os seus membros a viver uma autêntica e profunda vida espiritual.

Nesta ocasião, vemos o jovem Cláudio dedicar-se a uma intensa vida de oração. Mas o seu fervor não se fica por aí. Na Assembleia dos Amigos, aprende que o amor deve passar da mente ao coração e, deste, às mãos. Além de se desprender da sua indumentária e modos

aristocráticos, que conservara até então, o jovem Cláudio começa a prestar atenção e ajuda material e espiritual aos pequenos limpachaminés, que vindos da Sabóia, levavam uma vida extremamente rude e pobre, na cidade de Paris.

Desta sua intensa vida de fé dá testemunho um bilhete de bem – entre as Aa circulavam bilhetes confidenciais de edificação – enviado pelo padre Director ao substituto da Aa parisiense: «Um outro membro renunciou a um dote de quatro mil libras e a um alto cargo de Conselheiro do Parlamento, que seus pais queriam dar-lhe, para ser director de um Seminário onde não terá senão trabalhos e fadigas; não dorme mais que três horas por noite numa cadeira e dedica o resto do tempo à oração; para se mortificar, come sempre o mesmo tipo de carne e não bebe senão água. Dá muitas esmolos e nunca menos de um meio luís».

Cláudio Francisco dera-se, entretanto, conta de que existiam em Paris muitos candidatos ao sacerdócio, vindos do campo, sem meios materiais para pagar a hospedagem num colégio e que, por isso mesmo, eram obrigados a trabalhar para poder subsistir. O seu rendimento escolar deixava, naturalmente, muito a desejar e a sua formação espiritual era praticamente nula. Em Maio de 1702, Cláudio Francisco começara a ajudar um destes seminaristas pobres, de nome João Baptista Foulconnier.

O número dos seminaristas a quem Cláudio Francisco ajuda aumenta rapidamente. Em Outubro de 1702 decide alugar quartos, na rua des Cordiers, próxima do colégio Luís-o-Grande, para os albergar, servindo-se, para tal, da pensão que o pai lhe garantia bem como da ajuda dos jesuítas, que lhe davam as sobras da mesa do Colégio.

Mas o Espírito leva-o ainda mais longe. Ele já não se contenta em a ajudar os seus seminaristas. Em Março de 1703, no início da Quaresma, deixa o conforto do Colégio e vai viver com eles, partilhar a sua própria vida, indo ao extremo de interromper os estudos, para garantir o bom funcionamento da casa e do grupo. Cláudio Francisco faz-se assim pobre com os pobres, para servir os pobres, no seguimento de Jesus Cristo, que sendo rico se fez pobre, para nos enriquecer com a sua pobreza (cf. 2Cor 8,9).

O grupo não pára de crescer. Por duas vezes, têm que mudar de casa. Mas, na última, Cláudio Francisco passa apenas uma noite. Esgotado, atingido de pleurisia e infecção intestinal – solícito em socorrer, ele e os seus seminaristas, as pessoas atacadas pela epidemia que no ano de 1709 se instalara no quarteirão da Montanha de S. Genoveva – morre, na manhã de 2 de Outubro daquele ano, com apenas 30 anos e 7 meses de idade.

Morre pobre com os pobres, em doação de amor. E é sepultado na vala comum do pequeno cemitério de S. Estêvão do Monte, onde então se enterravam os clérigos pobres. Como pequeno grão de trigo lançado à terra...